



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DANTE GNOATTO**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-114

**Entrevistado:** Dante Gnoatto

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Bárbara Guaragni Calza

**Data da entrevista:** 17/05/2005

**Transcrição:** Vicente Cabrera Calheiros

**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 114/01-A e 114/01-B

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 17

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01936/2008/01

**Número de registro da fita:** 01936/2008/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

GNOATTO, Dante. *Dante Gnoatto (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Envolvimento com o esporte; amigos como incentivadores; relação com a ginástica olímpica; apoio da família; primeiras competições; dificuldades no treinamento; relação com as federações; participação em clubes; período como professor; esporte como influenciador na vida profissional; influência da cultura Alemã; estruturação da ginástica em Porto Alegre; profissionalismo do esporte; fatos pitorescos; parceria com os Aqua Loucos.

Porto Alegre, 17 de maio de 2005. Entrevista com Dante Gnoatto, a cargo da entrevistadora Bárbara Guaragni Calza, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.C. - Bom, tu podia falar um pouco sobre a tua história de vida em relação ao esporte.

D.G. - Eu comecei com a... Muito tarde com a ginástica olímpica. A ginástica olímpica, hoje se começa praticamente com seis, sete anos de idade, tanto feminino quanto masculino e eu comecei muito tarde por influência de um amigo que já fazia ginástica. Eu trabalhava com ele e despertou. Aí eu fui ver o que era - eu não sabia o que era ginástica - e comecei a treinar junto com ele. Depois tomei gosto pelo esporte. Ele realmente... Ele é muito sacrificado. Eu hoje... Depois de uma certa idade eu vejo que, talvez, eu não sei se eu ia praticá-lo de novo. Foi muito sacrificado, horas de treinamento, muito sacrifício para tu alcançar um... Depois na época em que eu fazia ginástica, nós não tínhamos essas condições que tem hoje. Os próprios aparelhos. Professor a gente ficava meio assim, buscando de um lado ou de outro, nas competições internas, nas competições do Brasil, dentro do Brasil. Depois nós começamos a viajar. Então fomos para a Europa, começou mais a clarear, mais no que é a ginástica. Mas aqui o apoio foi muito difícil e nós não tínhamos condições. Nós fazíamos tudo na base do amor, do gostar da turma, da reunião. Tanto que nós tínhamos dois clubes aqui praticamente em Porto Alegre<sup>1</sup> e nós éramos amigos. Depois, nas competições, nós não éramos inimigos. Um competia por um clube e outro por outro, mas a... Eu dei graças a Deus a minha formação, tanto na parte social como na parte profissional, graças à ginástica, porque a ginástica você aprende, você ensina, você educa, você... E eu graças a Deus me senti bem. Eu voltaria a praticar, mas não sei se praticaria a ginástica. Eu praticaria outro esporte, talvez porque é muito sacrificado hoje. A gente tem algumas coisas, algumas seqüelas, mas isso aí em todos os esportes, porque eu sinto também que muitos amigos meus sofrem em outros esportes. Sofreram também no voleibol, embora hoje também está muito competitivo por causa da profissionalização.

B.C. - Sim. E esse teu amigo que te levou, quem era?

D.G. - Esse foi um grande campeão de ginástica olímpica. Foi praticamente a pessoa que me incentivou. Fui ver, gostei. Comecei dentro da sociedade. Daí começa o ambiente, começa a parte social. Ai você começa a viver dentro daquele clube que foi o Navegantes São João<sup>2</sup>. Quando eu comecei e, ali se formou uma família, tinha a parte social, bailes, essas coisas. Ai a gente podia... Conhecimento e tudo. Foi ali que a gente tomou gosto e tomou gosto por viajar, conhecer outros lugares, conhecer outras pessoas.

B.C. - E qual era o nome dele?

D.G. - Arno Tesche.

B.C. - E tu já conhecia a ginástica ou ele que te chamou?

D.G. - Eu não conhecia nada, não tinha nem noção, eu jogava basquete. Porque eu morava ali perto da pracinha Florida, na rua São Carlos<sup>3</sup> e eu ia na praça. Eu comecei a fazer esporte, gostar de esporte é na pracinha Florida que, naquele tempo, tinha muito dessas praças. A nossa convivência, até eu sinto muita falta ainda. Eu vejo a juventude... Falta dessa praças que tinha antigamente, orientada por professores e ali eu comecei a jogar basquete. Depois como eu trabalhava com o Arno Tesche, junto com ele na mesma empresa, ele me levou e eu comecei a praticar e larguei o basquete. Jogava basquete, mas por recreação. Depois, lá dentro da sociedade, cheguei a praticar voleibol. Joguei no segundo quadro, fui campeão. Naquela época, tinha campeão de aspirantes. Hoje não existe mais isso. Então tenho até faixas de campeão por aspirantes no vôlei. Comecei na ginástica e na ginástica foi crescendo a amizade e competições, viagens e, graças a ginástica, eu ganhei... Porque eu conheço bastante lugares.

B.C. - Com quantos anos tu começou na ginástica?

---

<sup>1</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Sociedade Ginástica Navegantes-São João - Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi, posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927

<sup>3</sup> Rua da Cidade de Porto Alegre

D.G. - Eu comecei com quinze anos. Um que é uma idade que eu não aconselho ninguém a fazer isso mais para ginástica olímpica, mas é que tudo muda... Tudo começou. Depois o Gerson<sup>4</sup>, meu filho, praticou ginástica e foi para a olimpíada. Ele já começou... Eu levei ele aos sete anos, seis anos. Seis anos já começou. Levei os três. Tenho três filhos, mas só o que ficou foi o Gerson. Foi campeoníssimo.

B.C. - E como foi o apoio da tua família?

D.G. - A minha família não sabia nada, até porque eu só tinha o meu pai e o meu pai, a única coisa que ficou sabendo, foi quando eu fui pra Itália. Aí ele ficou interessado, porque eu ia viajar. Ele nunca assistiu uma competição. A minha entrada no esporte foi por intermédio de amigos. Os amigos incentivaram. Lógico, quando eu era mais garoto, ainda no tempo de colégio, eu jogava futebol. Eu não sabia o que era ginástica.

B.C. – Mas, mesmo assim, ele não conhecia, mas ele não apoiava nem...

D.G. - Não, mas ele não conhecia. Ele apoiava claro. Gostava que eu praticava. Inclusive meus familiares, meus irmãos - tenho uma irmã e uns irmãos -... Porque eu tenho uma irmã e uns irmãos, agora já dois falecidos, mas eles sempre me incentivaram, achavam bonito porque liam no jornal, saía assim. Então foram as viagens. Depois, quando eu fui para a Itália no campeonato do mundo, todo mundo ficou... Porque todo mundo é italiano. Todo mundo, família... Minha mãe era italiana e tudo. Então fui conhecer onde é que morava a minha mãe, essas coisas, e o esporte é que trás essas coisas bonitas, a amizade principalmente. A amizade é uma coisa que até hoje eu preservo. Eu tenho amigos desde o tempo de que começamos. Somos compadres, se criamos juntos e até hoje nós temos uma amizade. Agora, muitos desses amigos, foram de passagem porque eu fiquei, fiz vinte anos de ginástica, vinte e poucos anos. Muitos desses amigos, a gente não se sabe. Uns faleceram, outros a gente não sabe, sumiram. Tem uns que a gente conserva ainda desde aquela época.

B.C. - O que tu tem pra me contar das primeiras competições?

---

<sup>4</sup> Gerson Gnoatto

D.G. - Interessante as competições, foram o seguinte nos... É que naquela época tinha estreante, tinha principiante e depois tinha o sênior. Então tu começa pelo estreante, a primeira competição é estreante, depois tu passa do estreante, tu já é principiante, tinham competições e era bonito, porque era São Leopoldo, Ijuí, Novo Hamburgo<sup>5</sup>. Eram aquelas caravanas que saía e era bonito porque era o dia inteiro que nós passávamos nas competições e eu fui bem porque, no estreante, já ganhei o primeiro lugar, já na estréia. Fui estreitar isso em Sapiranga<sup>6</sup>, na Sociedade lá de Sapiranga. Eu lembro muito bem. Lá tem fotos e fui campeão, tirei o primeiro lugar naquela época. Depois teve São Leopoldo principiante, depois teve o Junior e depois o sênior. Hoje a gente nem sabe que categorias que estão aí. Eu só sei que tem o... A ginástica evoluiu muito e hoje os aparelhos são maravilhosos. Eu fazia ginástica praticamente no chão duro, [risos] era um parquê.

B.C. - E as competições já eram nos ginásios ou eram ao ar livre?

D.G. – Não. Tinha, por exemplo, quase tudo era em ginásio, a maior. Ao ar livre eu me lembro mais quando eu era professor. Eu dei aula em Novo Hamburgo. Morei lá quatro anos e lá eu dei aula na Sociedade de Ginástica. Tinha equipe de ginástica, equipe juvenil e fiz uma competição ao ar livre. Até, inclusive a minha equipe foi campeã, acho que foi a primeira vez que Novo Hamburgo foi campeã de ginástica.

B.C. - Parabéns!

D.G. – É. Tinha uma equipe muito boa, bem treinada e são pessoas que até são avôs já, quase, praticamente [risos].

B.C. - E tu treinava o masculino ou o feminino?

D.G. - Masculino, mas lá em navegantes, em Novo Hamburgo, eu treinava feminino. Teve uma época que treinei feminino. Os dois treinavam em horário diferente só.

---

<sup>5</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>6</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

B.C. - E tu podia falar um pouco das especificidades da ginástica olímpica, como que eram os treinamentos...

D.G. - Os treinamentos nossos, sempre era desregrados. Não eram uma coisa assim como hoje tem, específico. Hoje você tem tudo, tem alimentação. Nós não. Nós treinávamos três vezes por semana. Domingo de manhã, às vezes. Você ia ao baile e, no outro dia de manhã, levantava e ia treinar. Então, às vezes, nas Sociedade, principalmente Navegantes São João, eram... Tinha baile de noite, sábado. Nós tínhamos que arredar todas as cadeiras, mesas, tudo para trazer os aparelhos. Era sacrificado. Hoje está tudo montadinho, está muito fácil, professor, o solo com tablado. Então é uma maravilha e com fosso. Nós não tínhamos isso. Tinha que um ajudar ao outro, um segurava, o outro botava um cinto com uma corda, saía da barra, era muito sacrifício, muito sacrificante. Eu, às vezes, fico lembrando quando eu tive aquela entrevista para Zero Hora<sup>7</sup> nos cinquenta anos. A gente começou a procurar nos arquivos pra ter uma lembrança mais ou menos de como é que era. A gente sabe que viajou de navio, que levou quase quinze dias para ir, quinze para voltar [risos] muito sacrificado. Eu acho que hoje... Por exemplo, vejo o esporte em si, de um modo geral, ele ficou profissional. Nós éramos ginastas. Tem pessoas ganhando para fazer ginástica. Mas quem dera que nós... Na época nós tínhamos que trabalhar e a gente treinava a noite, não tinha treino de tarde, de manhã ou então morar em uma cidade todo mundo. Não existia isso. Nós tínhamos que trabalhar. Chegava sete, seis horas, nós íamos para o ginásio e treinava até onze horas, depois chegava em casa e era uma hora quase da madrugada e no outro dia tinha que trabalhar. Mas era prazeroso, era sacrificado, mas era prazeroso. Era uma época diferente. O que eu estou te falando aqui é uma coisa completamente, que hoje eu não acompanho muito bem, mas vejo que as pessoas... Tem essas meninas que fazem, estão indo muito bem, campeonato do mundo, tanto que campeonato do mundo não... Mundial não existia, só tinha do mundo e olimpíada. Não existia esse campeonato que existe e mundial que é individual, por exemplo, eu tinha que fazer, na minha época nós tinha que fazer. Existia ainda, obrigatório que era aquela prova que todo mundo tem que fazer. Para ver o índice da pessoa. Então eram seis aparelhos, seis provas. Depois nós passávamos para seis livres. Olha, não havia mão que agüentasse, mas nós tínhamos que fazer. Às vezes nós fazíamos tudo em um dia só, porque não tinha tempo. Até aconteceu de que era uma hora da madrugada, duas horas e nós estávamos



terminando a competição. Uma coisa absurda. Se tu vai pensar isso hoje, ninguém acredita. Eu conto isso e ninguém acredita que nós passávamos por isso, mas era tudo sacrifício, amor porque gostava muito. Eu vejo hoje que eles competem individual, não existe isso aí. Existia, por exemplo, dentro da competição, no final para ver quem é que ganhou o aparelho, quem que fez mais aparelho, mais pontos naquele aparelho. Era campeão de paralela, campeão de argolas, campeão... Mas o importante era ser o campeão da competição geral. Já hoje não. Embora a olimpíada não seja nenhum campeonato do mundo, mas me parece que ainda é por equipe. Hoje é individual. Eu estava me reportando no sentido do meu filho. Vamos ensinar o meu neto a fazer um aparelho. Só aí é campeão do mundo, fica tudo legal porque é muito sacrifício. Nós fazíamos doze provas em um dia. Às vezes começava de manhã, nós íamos embora, noite a dentro competindo, tudo sacrifício por causa dos aparelhos. Todos os aparelhos era parque. Nós nos machucávamos muito, mas afinal eu passei isso e tenho uma lembrança muito bonita. Tenho as coisinhas, eu carrego junto [ele aponta para seus diversos certificados emoldurados e pendurados nas paredes; para um “mural” com diversas lembranças das viagens, botons, medalhas] diplomas essas coisas que eu tenho. Isso fica para os netos olharem e a felicidade minha de ter um filho que praticou o esporte. Foi muito bem, porque ele foi campeão brasileiro, foi a Olimpíada, foi a mundial.

B.C. - E vocês tinham técnico?

D.G. - Não.

B.C. - No São João?

D.G. – Não, no São João não era entre nós e claro que vinha da federação. Trazia o que nós tínhamos que fazer na prova obrigatória, vinha aqueles, os bonequinhos aqueles, e nós fazíamos por aquilo ali. Então chegava no dia da competição e eu gostava do obrigatório, porque tu te esmeravas para fazer bem o exercício porque contava pontos para depois nas livres.

B.C. - E os amigos eram muitos então...

---

<sup>7</sup> Jornal Zero Hora.

D.G. - Tinha bastante, graças a Deus, porque se tornava o esporte e a parte social. Por exemplo, naquele tempo tinha a matinê dançante, que era das três horas da tarde até as seis da noite, com orquestra de sopro e ali se juntava a turma da ginástica e havia namoro de ginasta com ginasta e a gente era muito conhecido dentro da sociedade. Eu não sei se isso que eu estou falando é...

B.C. – Não, é sim.

D.G. - É importante também - eu não sei qual é que tu quer, a parte mais específica...

B.C. – Não, é importante. E as federações, já tinha federação?

D.G. – Federações... Eu não sou fundador, mas, logo em seguida, não é que ajudei, mas estive presente nas primeiras reuniões da federação. O Saul<sup>8</sup> é um dos fundadores. Mas foi muito sacrificado, muito sacrifício. Às vezes tinha uma prova de um aparelho e a federação não tinha dinheiro para dar uma medalha e dava um vale, uma medalha. Acho que se eu olhar ali, ainda tenho um vale de medalha. Para você ver como era a coisa.

B.C. - Mas a federação auxiliou para o esporte crescer?

D.G. - Sim, porque nós éramos na época pela FARG, Federação Atlética Riograndense e nós éramos ligados, mas depois nós fundamos a nossa própria federação. Quem foi um dos fundadores foi Ziguifried Fischer<sup>9</sup> que hoje já é falecido. Depois ele foi até vice-presidente da FIG, Federação Internacional de Ginástica.

B.C. - E quais os clubes ou associações que tu fez parte como atleta?

D.G. - Só dois clubes. Só o Navegantes São João, depois passei para o União<sup>10</sup>. No União eu fiquei muitos anos como atleta, fui laureado pelo União como atleta, depois fui diretor

---

<sup>8</sup> Nelson Rubens Saul

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>10</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

quase dez anos, diretor da ginástica olímpica, fiquei dois anos como vice-presidente dos esportes em geral. Depois abandonei, não quis mais. Tinha que cuidar da profissão profissional, porque tem a família, essas coisas. Mas me dediquei muitos anos pelo esporte.

B.C. - Mas daí tu parou de competir?

D.G. - Parei de competir com trinta e nove anos de idade. Ainda me lembro direitinho porque ganhei a paralela brasileira, campeão brasileiro de paralela, aos trinta e nove anos. Até tem uma foto lá, está vendo do salto lá [entrevistado aponta para uma foto sua nas paralelas pendurada na parede]. Isso foi lá. Até tem umas ali de Sul Americano na Argentina.

B.C. - E tu destes aula também...

D.G. - Dei, cheguei a dar aula em Novo Hamburgo de ginástica, dei aula, não sei se foi dois ou três anos lá, quando eu morava lá. Então, como eu te falei, nós fomos campeões juvenil.

B.C. - Mas isso paralelo ao tempo em que tu treinava ou quando tu dava aula tu já não treinava?

D.G. - Quando eu comecei a dar aula, já não fazia mais o esporte, não praticava mais.

B.C. - E tu via isso como profissão na época?

D.G. - Não, eu ganhava, claro. Era um trabalho que eu tinha que fazer, mas eu tinha outra... Eu trabalhava em outra atividade profissional. Aquilo ali era porque eu gostava e depois também você pega amizade com o ser professor. Então a gente procurava ver os talentos que começavam e ver aquilo me entusiasmava. Eu queria ver a perfeição porque a ginástica tem muito. Tem um dado interessante que é a perfeição, você procura a perfeição em todos os sentidos. Por isso, às vezes, eu critico certos ginastas que eles não me mostram a perfeição e não é a perfeição de ser perfeito, mas a beleza. A ginástica tem que ser beleza. Ela pode ter a dificuldade, mas tem que ter beleza também. Às vezes eu sou meio

crítico com a ginástica, com esse ginastas que tem aí, porque a gente nota que tem uma coisa muito esforçada. Não sei se o código permite hoje, está permitindo se fazer muitos exercícios de acrobacias. Eu sempre gostei mais de ginasta que é mais completo, pode ser acrobata, mas tem que ter também uma linha.

B.C. - É que hoje em dia o código está muito baseado nas acrobacias.

D.G. - Parece que eu ouvi falar que vai ser mudado, só não sei qual é, o que eles vão fazer. Tu faz ginástica olímpica, você não...?

B.C. - Eu fiz quando eu era pequena. Mas agora não. Então o esporte influenciou a tua carreira profissional e pessoal?

D.G. - Também porque, você por intermédio do esporte, arrumava as colocações de emprego, um cargo, um conhecido do clube, uma pessoa que tinha uma empresa. Eu trabalhei, por exemplo, para uma empresa que fui indicado porque eu era atleta e até me lembro uma vez que ele era um dos diretores da empresa e fui viajar e ele sentiu orgulho que eu fui representar o Brasil na Itália. Inclusive ele me emprestou - na época era dinheiro em dólar - para eu ir gastar lá. Foi interessante isso e não é só as pessoas, os meus colegas sentiam orgulho que tinha uma pessoa que ia disputar, representar o Brasil, como até hoje.

B.C. - Sim. E como tu sentias e vias o esporte naquela época?

D.G. - A gente - como era muito sacrificado - sentia prazer em praticar o esporte, de evoluir, cada treino tu evoluía um movimento. Aquilo ali e as competições que eu sempre participava era uma emoção grande, quando você chegava a um certo limite, uma certa posição dentro da ginástica, uma viagem. Então você foi escolhido e daqui a pouco você foi para seleção brasileira e aquilo é orgulho. Hoje em dia é orgulho, uma emoção grande.

B.C. - E tu via relação com a cultura alemã na prática da ginástica?

D.G. - Sim, porque - até tem uma coisa interessante na equipe gaúcha - dizia "equipe"... Não, equipe brasileira: "equipe brasileira vai disputar não sei qual competição, Sul

americano. A equipe brasileira” ai se ouvia “Spingler, Fischer, Gnoatto...”. Quer dizer, [risos] era tudo, porque a SOGIPA<sup>11</sup> era alemã, até a própria Navegantes São João. O fundamento da base dela era alemã. E o próprio o... A gente via pelas outras sociedades de Ijuí, era tudo alemão. Nós tivemos muitas equipes alemãs visitando nós aqui no Brasil. Influenciou muito aqui para nós a equipe alemã, a ginástica alemã.

B.C. - E por tu ser italiano, por tu não ser de descendência alemã...

D.G. - Não. Eu sabia que a Itália teve, na ginástica, um ou dois ginastas de ponta. Na ginástica Meneguelli<sup>12</sup> teve outro também, o nome não me recordo, mas nunca teve problema de alemão.

B.C. - Mas por ter bastante alemão não acontecia dos... De eles falarem em alemão dentro do ginásio...

D.G. - Não, sempre comentava em português. Se falava... Claro que a gente, às vezes, estava em uma reunião, em um ambiente e tinha duas pessoas que falavam, mas isso para mim não tinha problema nenhum.

B.C. - E a tua relação atual com o esporte, com a ginástica olímpica?

D.G. - Não tenho nada, porque o meu filho também parou. Me parece que agora já parou, faz muito tempo e meu neto está começando e parece que vi o Ricardo<sup>13</sup> falando que ele já está começando, mas, às vezes, vou em uma competição. Assisto na televisão muito e agora, com esses eventos mundiais, estou assistindo bastante. A gente vai dando uns palpites também, eu comento as coisas com os amigos. Há poucos dias, tivemos uma reunião e tinham duas ex-ginastas que fizeram aniversário e, de vez em quando, a gente dá uns telefonemas e nos reunimos, trocamos idéia, como é a ginástica agora, como não é.

B.C. - Qual a tua visão sobre a estruturação da ginástica em Porto Alegre?

---

<sup>11</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867 passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre 1867, em 1942.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação

D.G. - Não sei, até porque eu, como te disse, estou um pouquinho por fora, mas me parece que temos só dois ou três astros, só e mais nada. A gente não vê, eu não vejo... Quando eu vejo uma competição, muita tristeza, porque o nível está muito baixo aqui nosso... Agora, depois que fizeram essa reunião lá das meninas e rapazes, lá em Londrina<sup>14</sup>, parece que tiraram os nossos atletas daqui, o centro, que eu acho certo, treinar junto é importante para os professores e treinadores.

B.C. - Mas e o pouco do que tu viveu, que tu vivenciou da estruturação do esporte.

D.G. - Acho que melhorou muito, em todos os sentidos. Por exemplo, de aparelhos, de competições, a federação [palavra inaudível], mas ela se destacou individualmente. Ainda falta muito para a gente chegar por equipe, chegar na Europa ou chegar em qualquer lugar, que faça a frente. Por enquanto está esta coisa individual.

B.C. - E tu viste um pouco do crescimento dentro do Rio Grande do Sul mesmo, da ginástica?

D.G. – Sim. Independente de eu achar que poderia estar melhor aqui, como eu te falei, que é uma coisa mais individual. Poderia estar muito melhor e isso que tem dois clubes só, não tem mais ninguém. Por exemplo, Ijuí não tem mais, São Leopoldo não tem mais e tinham equipes, tanto que nós íamos competir em Ijuí, São Leopoldo, Estrela<sup>15</sup> e hoje não existe mais. Iso não é só na ginástica ,você vê no basquete também que só tem duas equipes praticamente. Antigamente tinha Petrópolis<sup>16</sup>, tinha uma porção de clubes e que eu falei sobre a recreação nas praças, que também sumiu. Antigamente nós tínhamos competição, precisa ver as competições que nós tínhamos entre as pracinha Florida, Pinheiro Machado, Alto da Bronze<sup>17</sup>. Era uma loucura. Dali brotavam os atletas, tanto que a pracinha Florida teve uma equipe que foi campeã gaúcha. A praça mesmo, foi campeã gaúcha, a Praça Florida.

B.C. - E tu foi para o União porque tu foi convidado?

---

<sup>14</sup> Cidade Brasileira

<sup>15</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>17</sup> Praças da cidade de Porto Alegre

D.G.- Não, é que a minha sociedade, a Navegantes São João... Eu fui convidado, mas a Navegantes São João estacionou. Então tinham outros esportes mais interessantes para eles, bolão, essas coisas mais e nós não tínhamos muito apoio. Então eu fui para o União porque o União estava começando na época. Eles convidavam e fizemos uma equipe. Ganhamos vários campeonatos e depois eu passei para ser diretor, depois que larguei a ginástica. Inclusive eu tive uma fase da vida que fui treinador físico da equipe de vôlei, acho que um ano só parece que eu participei. Tudo dentro da prática, inclusive eu não quis ir para dentro da faculdade, eu trabalhava e não tinha condições nem de estudar, fiquei no comércio mesmo.

B.C. - O Jairo Brandão me contou que ele treinava no União e que o técnico, quando ele entrou, era uma pessoa que trabalhava no circo.

D.G. – É. Eu acho que é Otávio<sup>18</sup>, parece que é o nome dele, não sei se ele te disse.

B.C. – É, ele não me disse.

D.G. - O Otávio trabalhava na prefeitura, nas coisas da recreação, mas ele nunca foi ginasta. Ele era uma pessoa daquelas que aparecem as vezes no esporte e na educação física. Entusiasta e gostava daquilo e a gurizada gostava, porque ele era muito mais velho. Admiro o trabalho dele. Ele teve uma passagem muito bonita, por isso que o Jairo comentou isso. O professor Jairo teve vários alunos e ele então subia os alunos para outra categoria. Mas depois o União teve professores, depois ele trouxe vários professores de São Paulo, Rio<sup>19</sup> e, na minha época de diretor, foi muito bonito. Nós ganhamos vários campeonatos, Taça Brasil que se chamava naquela época. Algumas recordações ainda tenho em fotografias.

B.C. - E como era a questão da disciplina na ginástica?

---

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>19</sup> Cidades Brasileiras

D.G. - Sempre foi boa. Havia certos deslizos, alguma discussão, alguma coisa assim, ainda mais que a gente levava adolescente, menininhas. Então acontecia, mas não era uma coisa muito grave. Agora, dentro da disciplina, dentro do ginásio, era muito respeitado.

B.C. - Mas também na época não era tão exigido quanto hoje em dia?

D.G. - Nós não tínhamos quem nos cuidasse. Tu queria ir embora do treino, tu ia. Se não queria ir, não ia. Daqui a pouco está cansado, machucou o dedo, sei lá o que, tomava banho e ia embora. Não tinha aquele negócio rígido que hoje tem. Agora nós éramos amadores, fazíamos tudo que nós queríamos praticamente, mas nós sempre... Dificilmente alguém, por exemplo, abandonava um treino. Era difícil, só quando acontecia alguma coisa, mas era difícil e porque nós ficávamos até as onze horas da noite, até onze e meia. Daqui a pouco olhava e tava o horário já lá de ir embora.

[FINAL DA FITA 114/01-A]

B.C. - A exigência hoje é muito grande.

D.G. - É, mas todos os esportes estão assim, porque entrou o profissionalismo. Então você olha e uma pessoa que ganha tanto dinheiro na ginástica... Tem gente ganhando não sei quanto, então as gurias vão olhando e gostam e dizem “ah vou chegar igual a ela”. Uma olimpíada é o máximo, a pessoa sempre pensa na competição mais importante.

B.C. - Como é que era a aceitação por parte das pessoas que tu praticava ginástica olímpica, se tu recebia incentivos.

D.G. - Nada.

B.C. - Preconceitos...

D.G. - Não, preconceito não teve, mas o eu nunca ganhei nada, pelo contrário, inclusive eu fui uma vez para o Pan Americano no México e a confederação não quis dar nada e nós pagamos a nossa passagem, os atletas. Então nós pagamos a nossa passagem e a passagem



era um avião da FAB, não era uma coisa, não era um avião da Força Aérea Brasileira. Gastava muito dinheiro de passagens e não tinha incentivos, não dava nada a ninguém, a não ser que, por exemplo, no fim do treino a sociedade dava um lanche lá pra gente, um copo de leite, sei lá, qualquer coisa pra ti comer.

B.C. - E que tu lembra assim dos primórdios alguma coisa interessante para me contar?

D.G. - Para começo da carreira?

B.C. - É.

D.G. - O que eu mais gostava era das viagens aqui no interior quando eu comecei e da farra que a gente fazia e das gurias. Meninas, namoravam, aquela coisa de jovem. Mas era isso que eu mais gostava e da participação da própria sociedade, de fazer festa, ir a baile. Dali eu vivi a minha vida, foi o centro da minha adolescência, até uma parte adulta, já ali casei também. Casei com uma pessoa de lá também e tudo porque o mundo da gente, do esporte está ao teu redor. Aonde tu vai... Por exemplo, hoje já é meio difícil por causa do profissionalismo. Por exemplo, meu filho foi para o clube de Minas<sup>20</sup>, saiu daqui e foi para... Ficou cinco anos no Minas Tênis Clube. Tudo hoje nasce do dinheiro. Então por isso que muita gente não pode trabalhar, não tem como trabalhar, nem estudar às vezes, porque tem que praticar. Tu é pago, tu tem a obrigação.

B.C. - Como era a aceitação da prática da ginástica por indivíduos sem descendência alemã?

D.G. - Não, isso não existia. Acho que eu não me lembro de algum caso, eu nunca senti isso, nunca.

B.C. - E tu casou com uma pessoa que também fazia ginástica?

D.G. - Não.

B.C. - Ou que era do clube também?

D.G. - Era do clube, pertencia a parte social do clube, talvez ela jogasse bolão lá, não me lembro bem se era isso, era um esporte lá das meninas que tinha o boliche. Mas ela não praticou ginástica olímpica. Gostava que eu praticasse, me ajudou muito. Depois de casados, fiquei muitos anos ainda praticando. Chegava tarde e era um problema sempre.

B.C. - Não sei, alguma coisa que tu tenha para contar de engraçado, de alguma história...

D.G. - Tem muitas. O problema é que tem que pegar a lembrança, é brabo [palavra inaudível]. As viagens, que foram boas as viagens, nós fomos para a Itália de navio. Foi fantástica, nós éramos solteiros. Navio é uma cidade, mas uma cidade flutuante onde tu convive com todo mundo. Então as festas, e namorava uma aqui, namorava outra ali, era uma loucura, era divertido e interessante também, Convivíamos por rapazes e, por exemplo, nós, na Itália, inclusive está naquela, nessa reportagem que está na Zero Hora que nós foi logo, depois dez anos depois da guerra mundial, que nós tivemos em 1954 na Itália. Era tudo era racionado, o pão, eles colocavam um pedaço de pão para cada hóspede e nós roubávamos outro e levávamos para nós. A chave também, se queria tomar banho, tinha que pagar banho quente, então nós conseguimos, com a chave da porta, abrir a torneira da banheira e aí nós tomávamos banho de água quente e depois fechava com a própria chave. E outros que eu não me lembro, mas teve muita coisa boa. O importante é a lembrança nossa. Não só na ginástica, o ambiente. Eu me lembro do União no tempo dos Água Loucos<sup>21</sup>. Era uma loucura aquilo, a poesia do esporte. Eu sinto falta. Eu viajava com os Água Loucos e era uma loucura quando nós íamos fazer exibição. Muitas vezes os clubes aí para fora, nos levavam para fazer exibição apenas, nós fazíamos exibição em palco de baile. Antes do baile, nós fazíamos exibição. Então me lembro que, quando iam os Água Loucos, nós nos divertíamos, porque eles erma engraçados, engraçadíssimos e isso hoje ninguém fala mais nisso.

---

<sup>20</sup> Minas Gerais, Estado Brasileiro

<sup>21</sup> Grupo que fazia exposições artísticas na piscina e nos trampolins, fundamentalmente, através de saltos acrobáticos. Foram Aqualoucos: Jesse James Stringhini, Martin Aranha Filho, Miguel Scavone, Paulo Angeli, Paulo B. Duarte, Sérgio Silveira, Wanderlei Scavone, José Herculano, Rony Jung, Antônio Folgiarini e Milton Borges Vieira.

B.C. – É, eu não sei.

D.G. - Tu nunca ouvi falar?

B.C. - Não.

D.G. - Nunca viu eles fazerem o que eles faziam?

B.C. - Não.

D.G. - Era maravilhoso a engenhoca deles, o que eles faziam para inventar as coisas, era maravilhoso. Isso até podia, se tu quiser fazer uma entrevista com um deles, é fantástico.

B.C. - Mas eram o que? Eles faziam acrobacias na água?

D.G. - É acrobacias na água, numa piscina. Saltavam lá de cima. Imagina que eles saltavam da plataforma, em um trampolim e depois davam mortal e caíam dentro da água. Saltavam da plataforma em cima. Olha a altura que tem. Iam de bicicleta, pulavam trinta, quarenta juntos em um pulo só. Caía tudo dentro da piscina. Se morria de rir, o troço era fantástico e, quando eles viajavam com a ginástica, era divertidíssimo. Teve um dia que eles foram de jipe na frente e nós fomos de ônibus atrás, eles passaram por nós e abanaram e daqui a pouco na curva estavam eles capotados com o jipe. Nós paramos e “se mataram”. Eles tudo caídos, mas nada. Eles viraram mesmo o jipe e botaram mercúrio [risos] e nós ficamos tudo “o que houve!”. Isso é uma das partes, as coisas assim... Se eu começo a contar... Eu tenho muitas, essas coisas dos Água Loucos e isso que é o bonito do esporte. Hoje é muito sério, a coisa não... Eu acredito que se hoje... Não sei, não estou mais participando, nem como diretor, porque eu fui juiz também de ginástica. Já fui com a delegação para a Argentina e tudo, mas era complicado sim, sem dinheiro. Hoje as mordomias, os hotéis de primeira.

B.C. - Sim. O Jairo me contou que tu eras o que divertia o ônibus nas viagens...

D.G. – Sim, porque é tudo na brincadeira, as anedotas. Então você... E eu era um dos mais velhos da equipe.

B.C. - Tinha que tranquilizar eles.

D.G. – É. Um dia fiz uma brincadeira muito - que eles se namoravam entre eles – então, quando entrava no ônibus, cada um procurava o seu ou sua para sentar junto. Aí eu disse “prestem atenção, vamos fazer o seguinte, as meninas para frente e os rapaz para trás”. Nossa senhora, não adiantou. Daqui a pouco, no primeiro lugar onde nós paramos, já trocou, todo mundo, mas era brincadeira tudo. Divertido, mas eu gostava muito. Era tudo muito divertido. Gostava de contar anedota, piada até hoje.

B.C. - Eu não tenho mais nenhuma pergunta!

D.G. - Não tem mais nada?

B.C. - Obrigada. Não mais a gente pode...

[FINAL DO DEPOIMENTO]